



---

COMPANHIA DAS LETRAS

---

## OS 120 DIAS DE SODOMA OU A ESCOLA DA LIBERTINAGEM

DONATIEN ALPHONSE FRANÇOIS, MARQUÊS DE SADE, nasceu em Paris em 2 de junho de 1740. Passou a infância no castelo da família, na Provença, e a adolescência num colégio dirigido por jesuítas, em Paris. Aos dezessete anos, integrou um regimento de carabineiros que combateu a Prússia na Guerra dos Sete Anos. Sua vida de libertino provocou diversos escândalos e o levou à prisão pela primeira vez aos 23 anos. Em Paris e no interior, passou 27 anos encarcerado ou internado em hospícios, por crimes de incesto, estupro, sacrilégio, dívidas, sodomia. Escreveu e encenou várias peças de teatro, mas seus textos devassos foram, na maioria, publicados com pseudônimo ou anonimamente, como *Justine ou As desgraças da virtude* (1791), *A filosofia de alcova* (1795) e *Aline e Valcour* (1795). Em 1785, quando estava preso na Bastilha, redigiu *Os 120 dias de Sodoma*, sua primeira grande obra, que, deixada na cela, só foi publicada pela primeira vez na Alemanha, em 1904. Sade participou dos comitês revolucionários implantados pela Revolução Francesa e foi delegado na Convenção. Morreu em 3 de dezembro de 1814, em Charenton. Vinte anos depois o termo “sadismo” era dicionarizado como sinônimo de perversão sexual e crueldade extrema.

ROSA FREIRE D’AGUIAR nasceu no Rio de Janeiro. Formou-se em jornalismo pela PUC-Rio e nos anos 1970 e 1980 foi correspondente em Paris das revistas *Manchete* e *IstoÉ* e do *Jornal da República*. Em 1986 retornou ao Brasil e desde então trabalha no mercado editorial. Traduziu do francês, espanhol e italiano cerca de cem títulos nas áreas de literatura e ciências humanas, de autores como Céline, Lévi-Strauss, Sabato, Balzac, Montaigne, Stendhal e Flaubert. É autora de *Memória de*

*tradutora* (2004) e editora da coleção Arquivos Celso Furtado (Contraponto/ Centro Celso Furtado), na qual já publicou seis títulos. Entre os prêmios que recebeu estão o da União Latina de Tradução Técnica e Científica (2001) por *O universo, os deuses, os homens*, de Jean-Pierre Vernant, e o Jabuti (2009) por *A elegância do ouriço*, de Muriel Barbery, ambos da Companhia das Letras.

ELIANE ROBERT MORAES é professora de literatura brasileira na FFLCH-USP e pesquisadora do CNPq. Publicou diversos ensaios sobre o imaginário erótico nas artes e na literatura, e a tradução de *História do olho*, de Georges Bataille (Companhia das Letras, 2018). É autora de, entre outros: *Sade: a felicidade libertina* (Imago, 1994), *O corpo impossível: A decomposição da figura humana, de Lautréamont a Bataille* (Iluminuras/ Fapesp, 2002), *Lições de Sade: Ensaios sobre a imaginação libertina* (Iluminuras, 2006) e *Perversos, amantes e outros trágicos* (Iluminuras, 2013). Organizou a primeira *Antologia da poesia erótica brasileira* (Ateliê, 2015).

MARQUÊS  
DE SADE

Os 120 dias de Sodoma  
ou a Escola  
da Libertinagem

*Tradução e notas de*  
ROSA FREIRE D'AGUIAR

*Posfácio de*  
ELIANE ROBERT MORAES



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Penguin-Companhia das Letras  
Copyright do posfácio © 2018 by Eliane Robert Moraes

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with  
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Les 120 Journées de Sodome, ou l'École du libertinage

PREPARAÇÃO

Mariana Delfini

REVISÃO

Valquíria Della Pozza

Dan Duplat

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sade, Marquês de, 1740-1814.

Os 120 dias de Sodoma ou a Escola da Libertinagem/  
Marquês de Sade ; tradução e notas de Rosa Freire d'Aguilar ;  
posfácio de Eliane Robert Moraes. — 1ª ed. — São Paulo:  
Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

Título original: Les 120 Journées de Sodome, ou L'École  
du libertinage.

ISBN 978-85-8285-060-2

1. Ficção. 2. Literatura francesa erótica. 3. Sade, Marquês  
de, 1740-1814 — Crítica e interpretação. 4. d'Aguilar, Rosa  
Freire. 5. Moraes, Eliane Robert. 6. Título. 7. Título: A  
escola da libertinagem

17-11974

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura erótica francesa 843

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Nota da tradutora                                    | 7   |
| OS 120 DIAS DE SODOMA<br>OU A ESCOLA DA LIBERTINAGEM |     |
| Introdução   | 15  |
| Primeira Parte                                       | 89  |
| Segunda Parte  | 385 |
| Terceira Parte                                       | 411 |
| Quarta Parte   | 439 |
| Posfácio — Eliane Robert Moraes                      | 489 |
| <i>Cronologia</i>                                    | 501 |

Os 120 dias de Sodoma  
ou a Escola  
da Libertinagem

# Introdução

As guerras consideráveis que Luís XIV teve de travar durante todo o seu reino, exaurindo as finanças do Estado e as faculdades do povo, trouxeram consigo o segredo de enriquecer uma multidão de sanguessugas sempre à espreita das calamidades públicas que eles mesmos provocam, em vez de apaziguar, e isso justamente para lucrar tirando mais vantagens. O fim desse reino, por sinal tão sublime, talvez seja uma das épocas do Império francês em que mais se viram essas fortunas obscuras, que só brilham por causa de um luxo e uma devassidão tão ocultos como elas. Foi por volta do final desse reino, e pouco antes de o Regente ter tentado, no famoso tribunal conhecido como Câmara de Justiça, que essa malta de tratantes devolvesse o que tinha levado, que quatro deles imaginaram o singular episódio de libertinagem que vamos relatar. Estaria errado quem imaginasse que só a plebe se dedicou a essas pilhagens; os fidalgos estavam à frente delas. O duque de Blangis e seu irmão, o bispo de \*\*\*, que tinham ambos feito com isso fortunas imensas, são provas incontestes de que a nobreza, assim como os outros, não desdenhava os meios de enriquecer por esse caminho. Esses dois ilustres personagens, intimamente ligados tanto pelos prazeres como pelos negócios ao célebre Durcet e ao presidente De Curval, foram os primeiros que imaginaram a libertinagem cuja história escrevemos

e, depois de a terem comunicado aos dois amigos, os quatro formaram os atores dessas famosas orgias.

Fazia mais de seis anos que esses quatro libertinos, unidos por semelhança de riquezas e gostos, tinham imaginado estreitar os laços por casamentos em que a devassidão era motivo bem maior que todos os outros que em geral fundamentam esses laços; e os arranjos entre eles foram os seguintes. O duque de Blangis, viúvo de três mulheres, sendo que com uma tivera duas filhas, reparou que o presidente De Curval andava querendo se casar com sua filha mais velha, apesar das familiaridades que ele sabia muito bem que o pai praticara com ela, e então o duque, digo, imaginou de repente essa tripla aliança.

— Você quer Julie como esposa — ele disse a Curval —; dou-a sem hesitar e só imponho uma condição: é que não terá ciúme quando ela, embora sua mulher, continuar a ter comigo as mesmas condescendências que sempre teve, e ademais, que estaremos juntos para convencer nosso amigo comum Durcet a me dar a filha dele, Constance, pela qual, lhe confesso, nutri mais ou menos os mesmos sentimentos que você por Julie.

— Mas — disse Curval —, certamente não ignora que Durcet, tão libertino quanto você...

— Sei tudo o que se pode saber — retrucou o duque.  
— Mas será que essas coisas nos inibem, na nossa idade e com nosso modo de pensar? Acredita que eu queira uma mulher para ser minha amante? Quero-a para servir aos meus caprichos, para esconder, encobrir uma infinidade de debochezinhos secretos que o manto do hímen oculta maravilhosamente. Em suma, quero-a assim como você quer minha filha: pensa que ignoro seu objetivo e seus desejos? Nós, libertinos, pegamos mulheres para serem nossas escravas; a qualidade delas de esposas as torna mais submissas que as amantes, e você sabe como o despotismo é precioso nos prazeres que saboreamos.

Nesse meio-tempo, Durcet entrou. Os dois amigos lhe

contaram sua conversa e o tratante, encantado com uma abertura que lhe dava condições de confessar os sentimentos que também nutria por Adélaïde, filha do presidente, aceitou o duque como genro, contanto que ele mesmo se tornasse o de Curval. Os três casamentos não tardaram a se concluir, os dotes foram imensos e os contratos, idênticos. O presidente, tão culpado quanto os dois amigos, confessara, sem aborrecer Durcet, seu casinho secreto com a própria filha, e assim os três pais, querendo cada um conservar seus direitos e ampliá-los ainda mais, concordaram que as três jovens, ligadas a seus esposos só pelos bens e pelo nome, não pertenceriam de corpo mais a um que aos outros três, mas igualmente a cada um, sob pena de receberem as punições mais severas se ousassem infringir alguma das cláusulas a que estariam sujeitas.

Estavam em véspera de fechar o acordo quando o bispo de \*\*\*, já unido pelo prazer com os dois amigos de seu irmão, propôs introduzir uma quarta pessoa na aliança, se quisessem deixá-lo participar dos outros três arranjos. Essa pessoa, que era a segunda filha do duque, e por conseguinte sua sobrinha, lhe pertencia bem mais do que se imaginava. Ele mantivera relações com a cunhada, e os dois irmãos sabiam sem a menor dúvida que a vida dessa moça chamada Aline dependia, com toda a certeza, mais do bispo que do duque: o bispo, que se encarregara de cuidar de Aline desde o berço, não a vira, como bem se imagina, chegar à idade dos encantos sem querer desfrutá-los. Assim, quanto a isso estava em pé de igualdade com os confrades, e o que propunha no contrato causaria o mesmo estrago e a mesma degradação; mas, como os atrativos da donzela e sua meiga juventude ainda se impunham sobre os das três companheiras, ninguém hesitou em aceitar o negócio. O bispo, assim como os três outros, cedeu, mantendo seus direitos, e cada um de nossos quatro personagens assim ligados viu-se, portanto, marido de quatro mulheres.

Portanto, desse arranjo resultou — o que convém recapitular para facilidade do leitor — que o duque, pai de Julie, tornou-se esposo de Constance, filha de Durcet; que Durcet, pai de Constance, tornou-se marido de Adélaïde, filha do presidente; que o presidente, pai de Adélaïde, tornou-se marido de Julie, filha mais velha do duque; e que o bispo, tio e pai de Aline, tornou-se marido das três outras, cedendo essa Aline aos amigos e ressalvando os direitos que continuava a se reservar sobre ela.

Foram para uma propriedade magnífica do duque, situada no Bourbonnais, celebrar essas venturosa núpcias, e deixo aos leitores imaginar as orgias que ali se passaram. A necessidade de descrever outras nos proíbe o prazer que teríamos em descrever aquelas. Ao retornarem, a associação de nossos quatro amigos ficou ainda mais estável, e, como convém dar a conhecer muito bem esses arranjos lúbricos, creio que um pequeno pormenor servirá para iluminar o caráter dessas libertinagens, enquanto não retomarmos cada uma em separado para desenvolvê-las melhor ainda.

A sociedade criara um fundo comum administrado em rodízio por um deles durante seis meses; mas as verbas desse fundo, que só devia servir aos seus prazeres, eram imensas. A grande fortuna de todos permitia-lhes coisas muito singulares a esse respeito, e o leitor não deve se espantar quando lhe dissermos que dois milhões por ano eram atribuídos unicamente aos prazeres da boa mesa e da lubricidade.

Quatro famosas cafetinas para as mulheres e igual número de mercúrios\* para os homens não tinham outra tarefa além de lhes proporcionar, tanto na capital como nas províncias, tudo o que, num e noutro gênero, melhor

\* Mercúrio, mensageiro dos deuses e intermediário dos amores de Júpiter, tinha no século XVIII o sentido de alcoviteiro, cafetão.

podia satisfazer-lhes a sensualidade. Juntos, faziam regularmente quatro ceias por semana em quatro diferentes casas de campo, situadas em quatro extremidades diferentes de Paris. A primeira dessas ceias, destinada apenas aos prazeres da sodomia, só admitia homens. Ali se viam regularmente dezesseis jovens de vinte a trinta anos cujas imensas faculdades permitiam a nossos quatro heróis saborear, vestidos de mulher, os prazeres mais sensuais. Esses jovens eram escolhidos apenas em função do tamanho do membro, e tornava-se quase necessário que esse membro sublime fosse de tal magnificência que jamais tivesse conseguido penetrar numa mulher. Era uma cláusula essencial, e, como nada se poupava em matéria de despesas, só raramente não era cumprida. Mas, para provar ao mesmo tempo todos os prazeres, juntava-se a esses dezesseis maridos igual número de rapazes muito mais moços e que deviam fazer as vezes de mulheres. Estes eram escolhidos tendo de doze a dezoito anos e deviam ter frescor, aparência, graças, presença, inocência e candura bem superiores a tudo o que nossos pincéis conseguiram pintar. Nenhuma mulher era aceita nessas orgias masculinas, em que se realizava tudo o que de mais luxurioso Sodoma e Gomorra um dia inventaram. A segunda ceia era dedicada às moças de boa família que, obrigadas a renunciar à sua orgulhosa ostentação e à insolência corrente de sua classe, deviam se entregar, dependendo das quantias recebidas, aos caprichos mais proibidos e até, muitas vezes, aos ultrajes que nossos libertinos gostavam de lhes infligir. Via de regra eram doze, e como Paris não podia fornecer variedade nesse gênero com a frequência necessária, essas noitadas eram intercaladas com outras, nas quais só se admitiam, sempre em número igual ao das mulheres distintas, desde as esposas de procuradores até as de oficiais. Há mais de quatro mil ou cinco mil mulheres em Paris, numa ou noutra dessas classes, cuja necessidade ou luxo obriga a participar dessas orgias; basta saber

como encontrá-las para ser bem servido, e nossos libertinos, que tinham amplamente esses meios, costumavam descobrir milagres nessa classe peculiar. Mas, por mais honrada que fosse, a mulher devia se submeter a tudo, e a libertinagem, que jamais tolera limites, achava-se singularmente excitada ao obrigar a horrores e infâmias quem parecia, por natureza e convenção social, dever estar isento de tais provações. Elas iam lá, deviam fazer tudo, e como nossos quatro celerados tinham todos os gostos da mais crapulosa e insigne libertinagem, esse consentimento essencial a seus desejos não era um detalhe de somenos. A terceira ceia era destinada às criaturas mais vis e imundas que podiam encontrar. Para quem conhece a vastidão do deboche, esse requinte parecerá muito simples; é muito voluptuoso chafurdar, por assim dizer, na imundície com criaturas de certa classe; aí se encontra o abandono mais completo, a devassidão mais monstruosa, o aviltamento mais total, e esses prazeres, comparados com os que provamos na véspera, ou com as criaturas distintas que nos fizeram saboreá-los, conferem muito condimento tanto num como noutro excesso. Ali, como o deboche era o mais total, nada era esquecido para torná-lo variado e picante. Ali compareciam cem putas no espaço de seis horas, e nem todas costumavam sair inteiras. Mas não precipitemos as coisas; esse requinte tem a ver com episódios a que ainda não chegamos. A quarta ceia era reservada às virgens. Só eram aceitas aquelas entre sete e quinze anos. Pouco importava a condição, tratava-se apenas de aparência: queriam um aspecto adorável e a certeza de que eram virgens, o que devia ser comprovado. Incrível requinte da libertinagem. Não é que quisessem, decerto, colher todas aquelas rosas, e nem conseguiriam, pois sempre eram oferecidas cerca de vinte, e de nossos quatro libertinos só dois estavam em condições de proceder a esse ato, pois um dos dois outros, o banqueiro, já não sentia nenhuma ereção, e o bispo só conseguia gozar de um jei-

to que, admito, pode desonrar uma virgem mas sempre a deixa bastante inteira. Pouco importa, era preciso que as vinte virgindades lá estivessem, e as que não eram danificadas por eles tornavam-se, na sua frente, a presa de certos criados igualmente devassos que sempre estavam em seu séquito por mais de uma razão. Independentemente dessas quatro ceias, havia toda sexta-feira uma outra secreta e particular, bem menos concorrida que as quatro outras, embora talvez infinitamente mais cara. Nesta, só eram admitidas quatro mocinhas de boa família, seqüestradas da casa dos pais na base da astúcia e do dinheiro. As esposas de nossos libertinos quase sempre participavam dessas libidinagens, e sua extrema submissão, seus cuidados e serviços sempre as tornavam mais picantes. A respeito da comida servida nessas ceias, é inútil dizer que reinava a abundância, tanto quanto o requinte; nem uma única dessas refeições custava menos de dez mil francos, e nelas se apresentava tudo o que a França e o estrangeiro podem oferecer de mais raro e sofisticado. Ali havia vinhos e licores igualmente finos e abundantes, frutas de todas as estações mesmo durante o inverno e, pode-se garantir, em suma, que a mesa do primeiro monarca da Terra decerto não era servida com tanto luxo e magnificência. Agora, recuemos um pouco e retratemos ao leitor, o melhor possível, cada um desses quatro personagens em particular, não em beleza, não de maneira a seduzir ou cativar, mas com as próprias pinzeladas da natureza, que apesar de toda a sua desordem costuma ser sublime, mesmo quando é mais depravada. Pois, ousemos dizer de passagem, se o crime não tem esse gênero de delicadeza que se encontra na virtude, não é ele sempre mais elevado, não tem ele incessantemente um caráter de grandeza e sublimidade com que vence e sempre vencerá os atrativos monótonos e efeminados da virtude? Os senhores hão de argumentar com a utilidade disso ou daquilo? Acaso nos cabe escrutar as leis da natureza, acaso nos cabe decidir

se o vício lhe é igualmente tão necessário quanto a virtude, e se assim a natureza nos inspira, talvez em dose igual, o pendor para um ou outra, de acordo com suas necessidades respectivas? Mas continuemos.

O DUQUE DE BLANGIS, dono, aos dezoito anos, de uma fortuna já imensa, e que desde então aumentou muito com suas extorsões, sofreu todos os inconvenientes que surgem em profusão em torno de um jovem rico e de prestígio, que nada precisa recusar a si mesmo: quase sempre, em tal caso, o tamanho das forças torna-se o dos vícios, e a pessoa renuncia tanto menos quanto maiores forem as facilidades de tudo obter. Se o duque tivesse recebido da natureza certas qualidades elementares, talvez elas tivessem contrabalançado os perigos de sua posição, mas essa estranha mãe, que por vezes parece se entender com a fortuna para que esta favoreça todos os vícios que dá a certos seres de quem espera cuidados muito diferentes daqueles que a virtude supõe — e isso porque precisa de uns tanto quanto de outros —, a natureza, digo, ao destinar Blangis a uma riqueza imensa, lhe atribuiria, exatamente, todos os ímpetos e inspirações necessários a seu abuso. Junto com um espírito muito negro e perverso, dera-lhe a alma mais celerada e mais dura, acompanhada de distúrbios nos gostos e caprichos, dos quais nascia a terrível libertinagem que era uma singular tendência do duque. Nascido falso, duro, imperioso, bárbaro, egoísta, igualmente pródigo nos prazeres como avaro quando devia ser útil, mentiroso, guloso, bêbado, medroso, sodomita, incestuoso, assassino, incendiário, ladrão, nem uma só virtude compensava tantos vícios. Que digo? Não só não reverenciava nenhuma, como tinha horror a todas, e volta e meia o ouviam dizendo que um homem, para ser verdadeiramente feliz neste mundo, devia não só se entregar a todos os vícios, como nunca se permitir uma virtude, e

que o negócio era não apenas sempre fazer o mal, como, até mesmo, nunca fazer o bem.

— Há um monte de gente — dizia o duque — que só se inclina para o mal se for movido por sua paixão; quando se recupera da perdição, a alma, tranquila, retoma calmamente o caminho da virtude, e assim, passando a vida entre combates e erros, entre erros e remorsos, essa gente termina seus dias sem que se possa dizer exatamente que papel representou na Terra. Essas criaturas — continuava — devem ser infelizes: sempre pairando, sempre indecisas, toda a sua vida detestando de manhã o que fizeram de noite. Certas de se arrepender dos prazeres que saboreiam, estremecem ao praticá-los, de modo que se tornam ao mesmo tempo virtuosas no crime e criminosas na virtude. Meu caráter mais firme — acrescentava nosso herói — jamais se desmentirá assim. Nunca hesito em minhas escolhas, e, como sempre tenho a certeza de encontrar o prazer no que faço, nunca o arrependimento vem atenuar seu atrativo. Firme nos meus princípios porque neles me formei solidamente desde meus mais tenros anos, sempre ajo de acordo com eles. Fizeram-me conhecer o vazio e o nada da virtude; odeio-a, e jamais me verão retornar a ela. Convenceram-me de que o vício só servia para levar o homem a sentir essa vibração moral e física, fonte das mais deliciosas volúpias; a elas me entrego. Muito cedo pus-me acima das quimeras da religião, absolutamente convencido de que a existência do criador é um absurdo revoltante em que nem as crianças mais acreditam. Não tenho a menor necessidade de constranger meus instintos a fim de agradar a um criador. Foi da natureza que os recebi, e eu a irritaria se a eles resistisse; se me deu os maus, é que, a seu ver, tornavam-se assim necessários. Em suas mãos sou apenas uma máquina que ela mexe conforme sua vontade, e não há nenhum de meus crimes que não a sirva; quanto mais me aconselha a praticá-los, mais precisa deles; eu seria um idiota se resistisse. Portanto, contra

mim só tenho as leis, mas as desafio; meu ouro e meu prestígio colocam-me acima desses flagelos vulgares que só devem atingir o povo.

Caso se objetasse ao duque que todos os homens tinham, porém, ideais de justiça e de injustiça que só podiam ser fruto da natureza, já que os encontrávamos igualmente em todos os povos e até nos que não eram civilizados, ele respondia categórico que esses ideais eram sempre relativos, que o mais forte sempre achava muito justo o que o mais fraco olhava como injusto, e que, trocando os dois de lugar, ambos mudavam igualmente, e ao mesmo tempo, de modo de pensar; donde concluía que só era realmente justo aquilo que dava prazer e injusto o que dava tristeza; que quando pegava cem luíses no bolso de um homem fazia algo muito justo para ele, embora o homem roubado devesse considerá-lo com outros olhos; que, portanto, como todos esses ideais eram arbitrários, bem louco seria quem se deixasse acorrentar por eles. Era com raciocínios dessa espécie que o duque legitimava todos os seus defeitos, e, como era muito inteligente, seus argumentos pareciam decisivos. Moldando, então, o comportamento a partir de sua filosofia, o duque entregara-se sem freio desde a mais tenra juventude aos desmandos mais vergonhosos e extraordinários. Seu pai morreu moço e deixou-lhe, como eu disse, uma fortuna imensa, mas estabeleceu a cláusula de que o rapaz permitiria à mãe usufruir, a vida inteira, de grande parte do dinheiro. Essa condição logo desagradou a Blangis, e o celerado, vendo que só o veneno poderia livrá-lo dessa submissão, resolveu usá-lo imediatamente. Mas o patife, que então estreava na carreira do vício, não ousou agir pessoalmente: recrutou uma de suas irmãs, com quem vivia uma ligação criminosa, para se encarregar da execução, dando-lhe a entender que, se conseguisse, a faria usufruir de parte da fortuna da qual seria dono graças àquela morte. A moça, porém, se horrorizou

com esse gesto, e o duque, vendo que seu segredo mal confiado talvez fosse traído, logo decidiu juntar à vítima aquela que ele desejava tornar cúmplice. Levou-as para uma de suas propriedades, de onde as duas infelizes jamais retornaram. Nada encoraja tanto como um primeiro crime impune. Depois dessa experiência, o duque rompeu todas as peias. Assim que uma criatura qualquer opunha a seus desejos o mais leve obstáculo, logo o veneno era empregado. Dos assassinatos necessários, ele passou aos assassinatos de volúpia: imaginou esse desgraçado desvio que nos faz sentir prazer com os sofrimentos do outro; sentiu que uma comoção violenta praticada em qualquer adversário provocava no sistema nervoso uma vibração cujo efeito, ao excitar os espíritos animais que correm no fundo desses nervos, obriga-os a pressionar os nervos erectores e a produzir, mediante esse choque, o que se chama de sensação lúbrica. Por conseguinte, passou a cometer roubos e assassinatos, unicamente em nome da esbórnia e da libertinagem, assim como outros, para inflamar as mesmas paixões, se contentam em frequentar prostitutas. Aos vinte e três anos, fez com seus três companheiros de vício, a quem inculcara sua filosofia, a brincadeira de irem assaltar uma diligência no meio da estrada, violar igualmente os homens e as mulheres, assassiná-los depois, se apoderarem do dinheiro que com certeza não lhes fazia falta e ir os três, na mesma noite, ao baile da Opéra para ter um álibi. Esse crime aconteceu de fato: duas formosas senhoritas foram violentadas e massacradas nos braços da mãe; juntou-se a isso uma infinidade de outros horrores, e ninguém ousou desconfiar dele. Cansado de uma esposa adorável que seu pai lhe dera antes de morrer, o jovem Blangis não demorou em juntá-la aos manes da mãe, da irmã e de todas as outras vítimas, para então se casar com uma moça muito rica mas publicamente desonrada, e que ele sabia muito bem que era amante de seu irmão. Tratava-se da mãe de